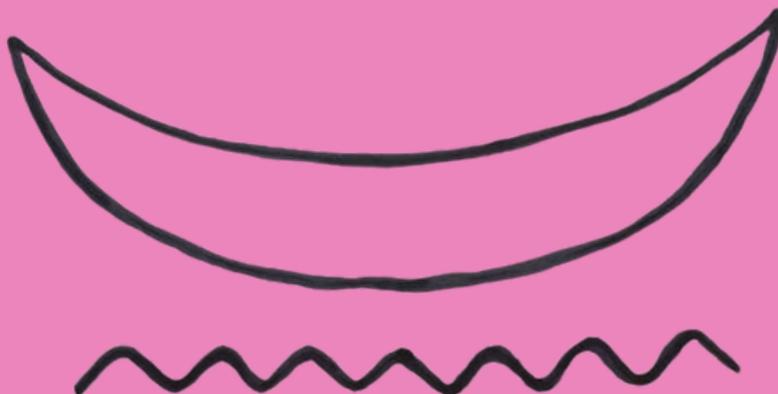




homenagem 



*Malunga Flávia Natércia*



# o legado de Flávia Natércia

Em agosto agora faz um ano da partida de Flávia. Morreu muito jovem, aos 50 anos. Ela se apresentava de forma simples e direta: “*Sou Flavia Natércia, mulher negra em processo de decolonização*”. Quem nos apresentou Flávia foi a Tereza Onã e logo cedo construímos laços de amizade e de trabalho.

Se você procurar na internet sobre Flávia, certamente você vai encontrar relatos das coisas fantásticas que fazia. Foi autodidata, foi a mais jovem a entrar na faculdade no seu tempo, só com 15 anos. Se graduou em biologia, jornalismo e letras. Falava com gosto da literatura negra italiana. Tinha mestrado em ecologia e doutorado na área de comunicação. Foi coautora do livro “*Racista, Eu? afrobrasilidades e a luta antirracista*”. Sem contar os outros muitos trabalhos que ela fez, que incluía curadoria de exposições e tudo o mais.

Mas na internet você não vai encontrar informações sobre como era Flávia na vida íntima e cotidiana. Flávia gratuitamente exercitava uma amorosidade sem tamanho. Meio tímida, falava muito baixo, mas sempre olhava pra gente com um sorriso,

por mais triste que estivesse. Ela sempre demonstrava alegria em estar com a gente. Flávia teve uma vida difícil e passou por muita coisa injusta e desnecessária. Quem a conhecia um pouquinho na vida íntima, com certeza ficaria revoltado com as dificuldades e lutas que teve que passar, mesmo sendo tão justa, ética, brilhante, talentosa e potente. Mas é, infelizmente, um caso que se repete no tempo e espaço: mulheres negras sendo oprimidas. E Flávia lutou contra várias opressões e violências, algumas vindas, infelizmente, de grandes nomes do movimento negro com quem conviveu. Uma pena.

Foi nas conversas com ela que me toquei que não basta a pessoa se afirmar negra, ela precisa criar uma consciência negra, para não reproduzir na vida social e, principalmente, na vida íntima valores da branquitude. Com ela percebi que muita gente do movimento que tem um discurso muito potente reproduzia, na vida íntima, o machismo, o classismo, a misoginia, o patriarcado. É, irmãs negres. Precisamos fazer nossa lição de casa. Em casa. Pra que de nossa boca saiam palavras compatíveis com nossa ética no mundo. E que seja a

ética de *Ma'at*. Por que mulheres negras são ainda obrigadas a serem fortes e combativas de forma quase permanente? Por que ainda passam por tantas opressões que tentam a todo custo destitui-las de sua realeza e magnificência?

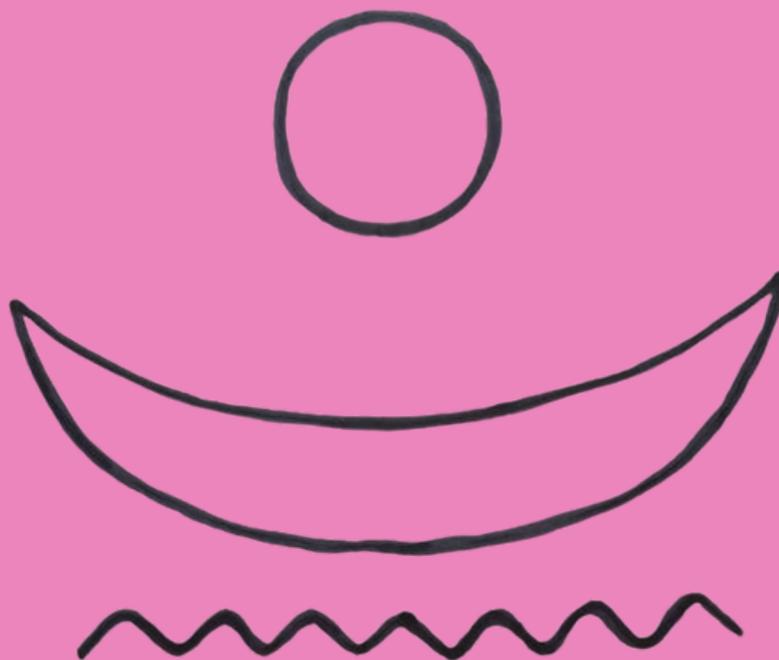
Na memória e no legado de tantas outras mulheres negras, Flávia fez da sua luta sua força e construiu no mundo o seu legado. Somente conosco, na nossa Coletyva, vários foram os frutos que hoje colhemos que brotam daquilo que Flávia plantou e compartilhou conosco. Todo o material do nosso curso foi produzido por ela. Em todo encontro, em toda turma que começa ou termina, em toda discussão, é Flávia que fala. E com ela falam aqueles que a precederam. Flávia também produziu muito em outros espaços. Você pode ter acesso à algumas colunas que ela escreveu [aqui](#).

Gostaríamos de compartilhar uma memória. Em 2021, Flávia apresentou um trabalho sobre nosso curso de extensão na Semana de

Integração Acadêmica (SIAC) da UFRJ, em 2021. Por esta apresentação, Flávia recebeu menção honrosa pela Pró-reitoria de Extensão da UFRJ. Flávia merecia toda homenagem que recebeu. Essa ainda teve um sabor especial: na sala estavam presentes pessoas que, no passado, tinham desmerecido seu trabalho e sua capacidade enquanto pesquisadora. A universidade nunca lidou muito bem com pessoas negras brilhantes, muito menos com mulheres negras brilhantes. No primeiro número da nossa revista, nós publicamos esse texto que Flávia apresentou na SIAC. Você pode acessá-lo por [aqui](#).

Por tudo que fez, seu legado e memória não serão esquecidos. Flávia continua inspirando a gente. Acredito que as pessoas que puderam conviver com Flávia são felizes por terem compartilhado com ela o barco desta travessia. Ela sim é digna de ser chamada, agora, de ancestral.

Obrigado Malunga! A dupé!





*Continuará crescendo  
por Carlos Pereira, 2024*